ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2201.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

RETRATO DE FAMÍLIA: TEXTO AUTOETOGRÁFICO SOBRE O AMOR

FAMILY PORTRAITS: AN AUTOETHNOGRAFIC ACCOUNT ON LOVE

Mariele Almeida Nonato[1]

[1] Doutoranda do Programa em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador/ Bahia/ Brasil. Mestrado em Química (UESB), professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, especializada em educação e gestão escolar. E-mail: mariele.nonato@ucsal.edu.br.

Recebido: 04/05/2026 - Revisado: 18/05/2026 - Aceito: 01/09/2026 - Publicado: 30/09/2026

RESUMO: O texto descreve a importância do amor dentro da configuração familiar ampla, tematizado pelo amor ao Esporte Clube Bahia, de Futebol, transmitido inter e transgeracionalmente. Centraliza seu enfoque no amor conjugal.

Palavras-chave: Esporte Clube Bahia. Transmissão geracional. Amor compartilhado.

ABSTRACT: The issue describes the importance of love within extended family configuration, focusing on the love for Football Bahia Sport Club, transmitted inter and trans generationally. It centralizes the main aspect on conjugal love.

Keywords: Football Bahia Sport Club. Generation transmission. Shared love.

INTRODUÇÃO

Nesse texto sobre o amor, eu queria falar de tantas coisas...

Me sinto muita amada por Deus, inclusive por ele ter escolhido a distinta senhora Maria Almeida para ser a minha mãe. Uma pessoa corajosa, amável e brava. Enfrenta a si e ao mundo para me defender e por amor queria forjar-me corajosa também. Mas eu só consigo ser corajosa no mundo espiritual, meu outro amor. Centrado em Deus, o meu amor maior.

DESENVOLVIMENTO

Logo eu pensei que pudesse escrever sobre o amor na espiritualidade. Algo que deveras me move. Tenho entendido que o amor é arma de defesa (“a palavra branda acalma o furor” Provérbios 15:1), mas também é uma arma de ataque “amai-vos uns aos outros” (João 15:34-35). Quando se pratica o amor a esse nível de entrega e perdão, se ataca o mal e se impede a sua atuação. Gradativamente, vai se tornando impossível fazer o mal a quem vibra amor.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Pensei também em escrever sobre os teóricos sobre os quais comentamos na aula passada, a saber Paulo ou Platão. Ou ainda os que me foram apresentados durante a semana, como Bell Hooks (2021) e Kierkegaard (2024). Mas para meu espanto — e talvez para a surpresa de quem lê ou ouve essas palavras —, eu despertei com o desejo de escrever como a minha relação familiar é perpassada por nosso amor ao time do Bahia.

O AMOR AO BAHIA FUTEBOL CLUBE

Despertei-me percebendo como minha família agrega pessoas que se sentem vinculadas ao tricolor baiano. Bi-campeão brasileiro em 1959 e em 1988. Bert Hellinger (1996), quando propôs as ordens do amor, elencou a lei do pertencimento como a primeira delas. Ele não restringe o pertencer à família. Ele amplia o pertencer aos grupos aos quais nos integramos. Tal feito inclui uma equipe esportiva. Por que não?

Uma das primeiras lembranças que eu tenho sobre o futebol é de meu tio Zezinho, meio irmão paterno de mainha, com seu rádio a pilha, sobre os ombros, bem próximo aos ouvidos, para estar “de olho no lancêee”. No cotidiano, nós nem lembramos que ele não era filho da minha avó. Tinha tanto amor entre eles, entre nós.

Cerca de um mês atrás, percebi que meu irmão paterno mais velho, com o qual quase não tenho contato, é torcedor do Bahia. Ele me contava, durante a viagem que fizemos juntos, os louros do time de aço. Dizia-me ele: “caçulinha, o Bahia foi o primeiro time brasileiro a ir para a Libertadores, em 1960. [...]. O Bahia foi campeão brasileiro, em 1959 em cima do time de Pelé”. Já eu, não sei se estava mais encantada com os feitos do Bahia por ele narrados, ou se por meu irmão mais velho ser torcedor do tricolor.

Neste domingo, me deparei com uma cena que eu gostaria de ter filmado; como não o fiz, me orgulho de registrá-la nessas humildes linhas: minha mãe verbalizando para o motorista do Uber a sua preocupação com a manutenção do bom desempenho do esquadrão de aço, visto que seus jogadores estavam sendo convocados para a seleção brasileira e argentina. Eu vos digo em sussurro que foram só dois atletas. Não me atrevo a verbalizar na frente de mainha. Ela ama tanto o tricolor de aço, que precisava justificar antecipadamente

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052201, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2201 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

(não para o Uber, mas para si própria) o provável escorregão futuro do seu time do coração.

Meu pai é torcedor do baêa. Talvez, Deus, eu e o time sejam os únicos vínculos que restam entre minha mãe e o meu pai.

E quando eu decidi formar minha família... Eu não perguntei àquele rapaz gentil, que se despedia do meu portão em *slow motion*, com um acento de mão, tão caloroso, que à medida que se distanciava, levava o calor consigo e deixava a falta de sua presença comigo. Eu não lhe perguntei para qual time torcia. Talvez minha mãe tenha perguntado. Mas logo estávamos nós, vibrando e gritando no jogo do baêa.

E a roupinha do nosso primeiro filho? E o tema do aniversário de 1 aninho do nosso 2º filho, adivinha qual foi? A nossa ida a Fonte Nova com os nossos filhos, nossos tesouros, os frutos do nosso amor. Eu olho as fotos e enxergo muito, muito, muito amor.

Voltando ao amor como arma de ataque, bell Hooks (2021) afirma que ao escolher amar, lutamos contra a dominação, a opressão e construímos um caminho rumo à liberdade, libertando a nós mesmos e aos outros.

Eu amo e me amo, quando eu escolho amar e perdoar meu pai, meu marido, meu irmão, ainda que eles tenham feito outras escolhas. Mesmo que essa eleição antagônica tivesse sido por algo simples, por exemplo, torcer pelo Vitória. Ou até por opções divergentes mais complexas.

Escolher amar é também escolher perdoar, e nisso está a liberdade. A liberdade de seguir amando, independentemente das diferenças ou imperfeições. Eu escolhi amar, portanto escolhi perdoar, o que implica ser livre. Inclusive para continuar amando-os.

E assim nos sentimos pertencentes. Para Hooks o pertencimento, é alcançado através do amor e da construção de relações verdadeiras, em que todos se sentem seguros para serem autênticos e livres. (Hooks, 2021).

Paulo escreveu o amor não folga com a injustiça, mas folga com a verdade [...] Tudo espera. E, eu, eu espero o feliz dia no qual você vai voltar. Levaremos, nossos filhos, nossos tesouros, os frutos do nosso amor, juntos à Fonte Nova, novamente. E faremos outro aniversário com o tema do Bahia, não o aniversário do nosso filho, mas sim, nosso aniversário de casamento. Como um marco do nosso amor e nossa história.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052201, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2201 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Porque, no fundo, tudo isso também fala do amor cristão, incondicional, sobre o qual Kierkegaard (2024) discursa. É a minha liberdade de escolha: escolher viver e agir nesse amor, com Deus, com meus filhos e com meu marido.

Afinal de contas, somos família. Deus projetou a família, e vivemos o amor em família — de muitas formas, inclusive com as imperfeições. Mas sempre com a esperança de que o amor seja a nossa maior força, depois de Deus - o amor ágape - o perfeito amor.

REFERÊNCIA

BÍBLIA. In: **Bíblia Sagrada**. 3ª Edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.

HELLINGER, Bert; HOVEL, Gabriele Tem. **Constelações familiares.** O reconhecimento das ordens do amor. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KIERKEGAARD, Soren. **A história de Abraão: obediência, sacrifício e provisão**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2024.